

Os esquemas de reprodução de Marx e o dogma de Smith¹

Fred Moseley²

Resumo:

Os esquemas de reprodução apresentados na terceira seção de *O capital* de Marx têm sido identificados com as tabelas de insumo-produto de Leontief ou as matrizes de tecnologia na teoria sraffiana ou na teoria neoclássica do crescimento. De acordo com esta interpretação neorricardiana, as tabelas de reprodução marxianas também consistem, fundamentalmente, em quantidades físicas de insumos e produtos, que são agregados em departamentos por meio de valores-trabalho. Seu principal propósito seria analisar as proporções entre insumos físicos e produtos de diferentes setores da economia necessários para que ocorra um crescimento equilibrado. Este artigo argumenta que essa difundida interpretação está fundamentalmente errada: as referidas tabelas consistem em quantidades de capital-dinheiro que são, elas mesmas, o objeto da análise. Seu propósito primordial é o de explicar como o dinheiro investido como capital é recuperado mais tarde, de modo que os meios de produção e a força de trabalho possam ser comprados novamente e a produção capitalista possa continuar na mesma escala (no mínimo). Refutam, assim, a perspectiva de Adam Smith segundo a qual o preço do produto social total se transforma inteiramente em renda, ou seja, em salários mais lucro e renda.

Palavras-chave: *O capital*; crítica da economia política; dogma de Smith.

Marx's reproduction schemes and Smith's dogma

Abstract:

The reproduction schemes presented in the third section of Marx's *Capital* have been identified with Leontief's input-output tables or the technology matrices in Sraffian theory or neoclassical growth theory. According to this neo-ricardian interpretation, Marxian reproduction tables also consist essentially of physical quantities of inputs and products, which are aggregated into departments by means of labor values. Its main purpose would be to analyze the proportions between physical inputs and outputs

¹ Texto publicado originalmente em 1998, no livro *The circulation of capital*, organizado por Christopher. J. Arthur e G. Reuten. Tradução de Leonardo Gomes de Deus. Revisado por Vânia Noeli Ferreira de Assunção.

² Doutor, professor de economia no Mount Holyoke College.

from different sectors of the economy needed for balanced growth to occur. This article argues that this widespread interpretation is fundamentally wrong: these tables consist of amounts of money capital which are themselves the object of analysis. Its primary purpose is to explain how money invested as capital is recovered later, so that the means of production and labor power can be bought back and capitalist production can continue on the same scale (at least). They, thus, refute Adam Smith's view that the price of the total social product is transformed entirely into income, that is, into wages plus profit and income.

Key words: Critic of political economy; *Capital*; Smith's Dogma

A parte mais conhecida do Livro II de *O capital* são os esquemas de reprodução, na terceira seção. Os esquemas de reprodução de Marx têm sido amplamente interpretados para serem, essencialmente, o mesmo que as tabelas de insumo-produto de Leontief, ou as matrizes de tecnologia na teoria sraffiana ou na teoria neoclássica do crescimento (por exemplo, LANGE, 1969; MORISHIMA, 1973; HOWARD; KING, 1985; GEHRKE; KURZ, 1995). Essas matrizes de tecnologia consistem em quantidades físicas de insumos e produtos para os vários setores na economia. De acordo com essa interpretação, as tabelas de reprodução marxianas também consistem, fundamentalmente, em quantidades físicas de insumos e produtos, que são agregados em departamentos por meio de valores-trabalho. O principal propósito das tabelas de reprodução de Marx, segundo esta interpretação, é analisar as condições de crescimento equilibrado, ou as proporções entre insumos físicos e produtos de diferentes setores da economia, necessários para que ocorra crescimento equilibrado.

Essa interpretação das tabelas de reprodução de Marx tem sido um dos principais pilares do domínio corrente da interpretação neorricardiana sobre a teoria marxiana de valor e preço, segundo a qual o método lógico desta teoria é essencialmente o mesmo da de Sraffa, isto é, o da produção linear. Especificamente, de acordo com esta interpretação, a teoria marxiana toma como dadas as quantidades físicas de insumos e produtos, tal qual nas tabelas de reprodução de Marx, e, em seguida, deriva valores e preços a partir desses coeficientes técnicos de produção dados. (Gehrke e Kurz enfatizam essa conexão entre as tabelas de reprodução de Marx e sua teoria do valor e preço.)

Este artigo argumenta que essa difundida interpretação das tabelas de reprodução de Marx está fundamentalmente errada e que tais tabelas não consistem em quantidades físicas de insumos e produtos, mas, antes,

em quantidades de *dinheiro*, dinheiro que circula como capital e renda³. Essas quantidades de capital-dinheiro não servem como meios de agregar insumos físicos e produtos, mas são antes, elas mesmas, o objeto da análise, como quantidades de capital-dinheiro. O propósito primordial das tabelas de reprodução de Marx não é analisar crescimento equilibrado em termos de quantidades físicas de insumos e produtos, mas, ao contrário, analisar a reprodução de quantidades de *capital-dinheiro*, isto é, explicar como o dinheiro que é investido como capital é recuperado mais tarde, de modo que os meios de produção e a força de trabalho possam ser comprados novamente e a produção capitalista possa continuar na mesma escala (no mínimo). A análise de Marx sobre a questão não tem nada que ver, essencialmente, com quantidades físicas de insumos e produtos, mas, ao contrário, com o adiantamento, recuperação e reprodução de diferentes componentes do capital-dinheiro ao longo da economia capitalista, pela compra e venda de mercadorias.

Será discutido que o propósito mais importante e imediato das tabelas de reprodução de Marx era refutar a perspectiva de Adam Smith, amplamente sustentada, mas errônea, de que o preço do produto social total se transforma inteiramente em renda, ou seja, em salários mais lucro e renda⁴. O “dogma de Smith” (como Marx o chamava) e sua refutação por Marx não dependem de modo algum da especificação das quantidades físicas de insumos e produtos. Ao contrário, eles têm relação com o *preço* das mercadorias e, especificamente, com a questão de como o *capital-dinheiro*, investido como capital constante nos meios de produção, é recuperado por meio da venda das mercadorias. A questão central é se o preço total do produto social é inteiramente transformado em renda ou se também inclui um componente de capital constante. Todas essas variáveis – preço, capital, renda etc. – são definidas em unidades de dinheiro e não são em absoluto derivadas de dadas condições técnicas de produção⁵.

³ Em Moseley (1993), discuti que a similar interpretação neorricardiana da teoria marxiana de valor e preço, mencionada no parágrafo anterior, é igual e fundamentalmente errada.

⁴ Outros autores discutiram brevemente a relação entre as tabelas de reprodução de Marx e o dogma de Smith, incluindo Heinrich (1989, p. 69) e Clarke (1994, p. 269). Tais discussões me alertaram para essa conexão e instigaram meu estudo adicional das tabelas de reprodução a partir dessa perspectiva. Em outro lugar (MOSELEY, 1995), critiquei a interpretação de Heinrich de outros aspectos da teoria marxiana, mas ele acerta ao dizer que o trabalho de Marx nas tabelas de reprodução foi motivado por seu desejo de criticar o dogma de Smith.

⁵ Foley (1986, Cap. V) também enfatizou que os esquemas de reprodução de Marx consistem em quantidades de capital-dinheiro. Entretanto, Foley argumenta que o propósito principal da análise marxiana da reprodução era determinar as proporções necessárias entre o capital-dinheiro nos dois departamentos para reprodução estável e investigar o problema da demanda agregada. Esses temas são abordados na análise marxiana da reprodução, mas não são os mais importantes.

Para demonstrar essas conclusões, este artigo reexamina os seguintes textos em que Marx discutiu suas tabelas de reprodução e temas relacionados: 1) uma importante carta de 1863 a Engels, que é, aparentemente, a primeira apresentação de Marx das citadas tabelas de reprodução (ao menos, é a primeira discussão que foi publicada em inglês, e eu acredito que em qualquer outra língua); 2) Capítulos III e VI do primeiro volume das *Teorias do mais-valor*, escritas em 1862, em que Marx discutiu o dogma de Smith e o *Tableau économique* de Quesnay; 3) Capítulo IL do Livro III de *O capital*, escrito em 1865; e 4) a mais conhecida e mais extensa discussão das tabelas de reprodução de Marx na terceira seção do Livro II de *O capital*, escrita nos anos 1870.

O título da segunda seção do Livro II de *O capital* é “A reprodução do capital social total”, assim, a indicar que as tabelas de reprodução de Marx analisam a reprodução e circulação do *capital*. Portanto, é necessário, em primeiro lugar, revisar brevemente a definição marxiana de capital e a definição relacionada de renda.

1 - A definição marxiana de capital em termos de dinheiro

Marx primeiro definiu seu conceito de capital na segunda parte do Livro I de *O capital*, que é intitulada “A transformação de dinheiro em capital”. No Capítulo IV, definiu capital como *dinheiro que se transforma em mais dinheiro*, por meio da compra e venda de mercadorias, e expressou essa definição simbolicamente como $D - M - D'$, em que $D' = D + \Delta D$. Mais-valor também é definido como o incremento de dinheiro (ΔD) que emerge da circulação do capital. Os capítulos seguintes argumentam que a fonte desse mais-valor, o incremento de dinheiro que transforma uma soma de dinheiro em capital, é o sobretabalho dos trabalhadores engajados na produção.

Mais tarde, no Livro I, na introdução da sétima parte, Marx sumariza sua definição da *circulação do capital*, que inclui, além das duas fases mencionadas, uma terceira, que é o retorno à esfera da circulação, para vender os produtos. Esse sumário é o seguinte:

A transformação de uma soma de dinheiro em meios de produção e força de trabalho é a primeira fase do movimento a que se submete a quantidade de valor que funcionará como capital. Ela ocorre no mercado, na esfera da circulação. A segunda fase do movimento, o processo de produção, completa-se assim que os meios de produção foram convertidos em mercadorias, cujo valor excede aquele de suas partes componentes, e, portanto, contêm o capital originalmente adiantado mais um mais-valor. Essas mercadorias devem ser lançadas de volta na esfera da circulação. Elas precisam ser vendidas, seu valor deve ser realizado em dinheiro, esse

dinheiro deve ser transformado, uma vez mais, em capital e assim sucessivamente. Esse ciclo, em que as mesmas fases se completam em sucessão, forma a circulação do capital. (*O capital*, l. I, p. 709)

Assim, vemos que Marx definiu capital como dinheiro que se torna mais dinheiro, por meio da produção e venda de mercadorias, e a circulação do capital como repetição contínua das três fases de compra, produção e venda que acabam de ser descritas. Portanto, o título de Marx para a terceira seção do Livro II, “A reprodução do *capital* social total”, significa a reprodução do *dinheiro que funciona como capital*.

Como capital é definido em termos de dinheiro, os componentes principais em que o capital total é dividido, capital constante e capital variável, também são definidos em termos de dinheiro (*O capital*, l. I, Cap. VIII). Assim, as magnitudes de capital constante, capital variável e mais-valor nos departamentos I e II, nas tabelas marxianas de reprodução, são definidas em termos de dinheiro, não em termos de insumos e produtos físicos, como sugerido pela interpretação neorricardiana.

Deve ser notado que Marx não definiu capital como meios físicos de produção, como os economistas clássicos tendiam a fazer e como os economistas neoclássicos fazem hoje. Marx criticou extensamente este conceito clássico de capital como meios físicos de produção (por exemplo, no Livro I, pp. 975-1.010). Ele argumentava que essa definição de capital é um exemplo da tendência dos economistas clássicos de definir seus conceitos em termos físicos, o que é comum a todos os sistemas econômicos, em lugar de definirem em termos daquelas características que são historicamente específicas do capitalismo, isto é, o investimento de dinheiro para fazer mais dinheiro:

Economistas modernos zombam da estupidez do sistema monetário quando ele responde à questão “o que é dinheiro?” com a resposta “ouro e prata”. Mas esses mesmos economistas não coram ao responder à questão “o que é capital?” com a resposta “capital é algodão”. Entretanto, isso é o que fazem quando declaram que (...) as *condições materiais do trabalho* são *capital* em sua própria natureza, e que elas são capital porque e na medida em que participam no processo de trabalho em virtude de suas qualidades físicas, como valores de uso. Está correto se outros acrescentam à sua lista: capital é carne e pão, pois, embora o capitalista compre força de trabalho com dinheiro, esse dinheiro de fato só representa (...) os meios de subsistência do trabalhador. (*O capital*, l. I, p. 996)

Essa é a razão, então, por que o capitalista, o trabalhador e o economista político, que só é capaz de conceber o processo de trabalho como um processo sob a propriedade do capital, todos pensam nos elementos *físicos* do processo de trabalho como *capital* apenas em razão de suas características físicas. É por isso que são incapazes de separar sua existência física, como

meros elementos no processo de trabalho, de suas características *sociais*, amalgamadas naquela, que são o que realmente faz dela *capital*. (*O capital*, l. I, pp. 1.007-8, grifo de Marx).

A definição marxiana de capital em termos de dinheiro, em lugar de meios físicos de produção, segue seu princípio metodológico de *especificidade histórica*, de acordo com o qual os conceitos de uma teoria do capitalismo deveriam referir-se a suas características especificamente históricas e únicas, porque são estas que determinam o desenvolvimento do capitalismo, não aquelas características comuns que o capitalismo compartilha com todos os sistemas econômicos, tal como a produção de produtos por meio de insumos (ver, por exemplo, *Grundrisse*, pp. 85-8)⁶.

Marx distinguiu dinheiro que funciona como capital de dinheiro que funciona como renda do seguinte modo. Vimos que capital é definido como dinheiro adiantado para comprar meios de produção e força de trabalho, a serem usados para produzir uma mercadoria e, eventualmente, para recuperar uma soma maior de dinheiro. Por outro lado, renda é definida como dinheiro usado para comprar meios de consumo com o propósito de consumo individual. Essa distinção, que Marx creditou a Quesnay, por ter sido este o primeiro a enfatizá-la (*Teorias do mais-valor*, v. I p. 344), desempenha um importante papel na análise marxiana da reprodução e em sua crítica do dogma de Smith. Este argumentou que o preço do produto social total é inteiramente transformado em renda; Marx argumentou o contrário, que o preço do produto social total também inclui, e deve incluir, um componente de capital se a produção capitalista deve ser capaz de reproduzir a si mesma.

2 – Carta de 1863 a Engels

A primeira vez que Marx apresentou uma versão de suas tabelas de reprodução foi numa carta a Engels, escrita em 6 de julho de 1863 (*Selected correspondence*, pp. 132-6), logo depois de terminar o *Manuscrito de 1861-3*, o segundo esboço de *O capital*, a ser discutido na próxima seção. Não há discussão das tabelas de reprodução nos *Grundrisse*, embora haja extensas discussões das outras partes daquilo que, mais tarde, tornar-se-ão as seções primeira e segunda do Livro II de *O capital*.

Na carta, Marx pediu a Engels para examinar um “quadro econômico” que, disse ele, foi adaptado do *Tableau économique* de

⁶ Esse princípio de especificidade histórica foi enfatizado por Rubin (1972, Cap. IV), Korsch (1963, publicado originalmente em 1938, Cap. II) e Rosdolsky (1968, pp. 77-80).

Quesnay e que ele anexou à carta. Marx introduziu seu “quadro econômico” como se segue:

Você sabe que, segundo Adam Smith, o “preço natural” ou o “preço necessário” é composto de salários, lucro (juro), renda – e se reduz, assim, inteiramente em *renda*. Esse disparate foi assumido por Ricardo, embora ele exclua renda fundiária da lista, como meramente accidental. Quase *todos* os economistas aceitaram isso de Smith e aqueles que o combateram cometeram algum outro tipo de imbecilidade. O próprio Smith estava ciente do absurdo de reduzir o *produto total* da sociedade simplesmente a *renda* (que pode ser consumida anualmente), enquanto em *todo* ramo *separado* da produção ele decompõe o preço em *capital* (matéria-prima, maquinaria etc.) e *renda* (salários, lucro e renda da terra). De acordo com isso, a sociedade teria de recomeçar, *sem capital*, todo ano. (*Selected correspondence*, p. 133, grifos de Marx)

Essa passagem e o resto da carta deixam claro que o “quadro econômico” de Marx foi planejado originalmente para fornecer uma crítica da perspectiva errônea de Smith de que o preço do produto-mercadoria total da sociedade se resolvia inteiramente em salários, lucro e renda; isto é, que o preço é inteiramente resolvido em renda (sob a premissa de que todo o lucro é consumido em lugar de acumulado – o que é tanto o pressuposto de Smith quanto de Marx nesse contexto).

Marx, então, explicou o conteúdo e a lógica da tabela de reprodução a Engels. Ele dividiu a economia inteira em duas “categorias” amplas: Categoria 1, que produz meios de subsistência, e Categoria 2, que produz meios de produção⁷. Começou sua discussão com a Categoria 1, os meios de subsistência. O preço do produto da Categoria 1 inclui tanto um componente de *capital* (capital constante), igual aos custos dos meios de produção consumidos na produção dos meios de subsistência, e um componente de *renda*, igual ao capital variável e ao mais-valor. Portanto, o preço do produto da Categoria 1 não pode ser inteiramente resolvido na renda dentro da Categoria 1.

Sob o pressuposto de que os capitalistas gastam todo o seu lucro com meios de subsistência (isto é, o pressuposto da “reprodução simples”), os capitalistas na Categoria 1 são capazes de vender parte de seus meios de subsistência para trabalhadores e capitalistas *dentro* da Categoria 1. No entanto, outra parte dos meios de subsistência permanece sem ser vendida e os capitalistas nesta categoria ainda não recuperaram o capital gasto nos meios de produção. Portanto, emerge a seguinte questão: quem compra os meios de subsistência restantes da Categoria 1 e como o capital constante investido nela é recuperado, de modo que os meios de produção nesta

⁷ Há de se notar que essas categorias são o inverso dos dois departamentos nas versões posteriores das tabelas de reprodução de Marx.

categoria possam ser recomprados e a produção possa continuar na mesma escala, no período seguinte?

As respostas a essas questões envolvem as relações de troca entre Categoria 1 e Categoria 2. Os preços do produto da Categoria 2 também incluem tanto o componente de *capital* (capital constante) quanto o componente de *renda*, igual a capital variável e mais-valor. Os compradores adicionais para os produtos da Categoria 1 são os trabalhadores e capitalistas da Categoria 2, que gastam seus salários e mais-valor para comprar os meios de subsistência, permitindo, assim, aos capitalistas na Categoria 1 recuperarem seu capital constante investido.

Depois da compra dos meios de subsistência pelos trabalhadores e capitalistas na Categoria 2, entretanto, toda a renda da sociedade foi gasta para comprar os meios de subsistência produzidos pela Categoria 1. Se a perspectiva de Smith estivesse correta, e o preço total se reduzisse inteiramente a renda, quem compraria os meios de produção produzidos pela Categoria 2 e com qual dinheiro? A renda total da sociedade foi gasta e os meios de produção ainda não foram vendidos. De modo similar, se a perspectiva de Smith estivesse correta, como os meios de produção consumidos poderiam ser repostos em ambas as categorias, já que não haveria dinheiro disponível com o qual se comprassem novos meios de produção? Como Marx afirma na passagem citada acima, “De acordo com isso, a sociedade teria de recomeçar, *sem capital*, todo ano”.

A resposta de Marx a essa questão era que, evidentemente, a perspectiva de Smith tinha de estar errada. O preço total do produto social, tal qual o preço de cada mercadoria individual e o preço de cada categoria de bens, decompõe-se não apenas em renda, mas também em capital constante. Este componente do preço das mercadorias permite a capitalistas em ambas as categorias recuperarem o capital constante consumido na produção, o que, por sua vez, permite-lhes recomprar os meios de produção consumidos. Uma vez reconhecido que o preço total do produto social se decompõe tanto em capital constante quanto em renda, é fácil explicar como o capital constante é recuperado e como os meios de produção são recomprados nas duas categorias, de modo que a produção possa continuar na mesma escala.

Quase no final de sua carta, Marx comentou: “O movimento, parte na Categoria 1, parte entre as Categorias 1 e 2, mostra ao mesmo tempo como o *dinheiro* com o qual elas pagam novos salários, juros e renda da terra retorna aos respectivos capitalistas de ambas as categorias.” (*Selected correspondence*, p. 135, grifos de Marx) Este tema do “refluxo de dinheiro” foi muito enfatizado por Marx em seus últimos escritos sobre reprodução, e isso novamente indica, claramente, que as quantidades nas suas tabelas de reprodução são quantidades de capital-dinheiro e que a análise

marxiana da reprodução tem relação com o modo como quantidades de capital-dinheiro investidas são recuperadas pelos diferentes grupos de capitalistas, de tal forma que este capital-dinheiro possa ser reinvestido e a produção capitalista possa continuar sem interrupção.

Marx demonstrou, portanto, por meio de seu quadro econômico, que a visão de Smith era errônea: que o preço total do produto social total não pode ser resolvido inteiramente em renda, mas deve incluir também um componente de capital constante. Sem esse componente no preço das mercadorias, não haveria modo de os capitalistas recuperarem seu capital constante investido, nem de recomprarem os meios de produção consumidos.

3 – O Manuscrito de 1861-3

O uso de uma adaptação do *Tableau économique* de Quesnay para refutar o dogma de Smith parece ter sido desenvolvido a partir das discussões marxianas sobre Smith e Quesnay no *Manuscrito de 1861-3*, nas seções publicadas no primeiro volume das *Teorias do mais-valor*. Essas seções foram escritas no início de 1862, cerca de um ano antes da carta a Engels que se acabou de discutir.

3.1 – Smith

Marx discutiu o dogma de Smith, pela primeira vez, no Capítulo III, seções 8 e 10, das *Teorias do mais-valor*. A Seção 8 é uma breve introdução e a Seção 10 é uma discussão mais longa. Estas seções abordam algumas questões enfatizadas na carta de 1863: como o capital constante consumido na produção é recuperado, de modo que os meios de produção consumidos possam ser recomprados? Entretanto, a discussão nessas seções é muito menos clara do que na carta a Engels e o *Tableau économique* de Quesnay não é mencionado explicitamente. Aparentemente, Marx ainda não havia chegado à ideia de usar o *Tableau économique* para demonstrar o erro de Smith.

Na Seção 10, Marx distinguiu as mesmas duas categorias amplas de produtores, como fizera na carta de 1863, mas não agregou todos os capitais individuais em totais para essas duas categorias, como fez naquela carta e como faria em seus escritos posteriores sobre o assunto. Essa falta de agregação reflete a falta de clareza de Marx, nesse seu momento relativamente inicial, e isso faz os exemplos numéricos extremamente detalhados e tediosos de acompanhar. Entretanto, está claro que as quantidades de capitais individuais discutidas são definidas em termos de dinheiro, não de quantidades de insumos e produtos.

Assim como na carta de 1863, Marx começou sua análise, na Seção 10, com os produtores de bens de consumo (subseção “a”, “Impossibilidade de reposição do capital constante dos produtores de bens de consumo por meio da troca entre esses produtores”, pp. 107-25). Usando um longo e detalhado argumento, Marx mostrou que, como a soma dos salários mais o lucro para esses produtores é sempre menor do que a soma dos preços de seus produtos, é sempre impossível para eles vender todos os seus bens de consumo por meio de trocas entre eles mesmos e seus trabalhadores. Sempre restará um excedente não vendido, cujo preço é igual à soma do capital constante consumido por esses produtores. Este excedente de bens de consumo não vendidos significa que tais produtores não serão capazes de recuperar seu capital constante e, portanto, que não serão capazes de recomprar seus meios de produção consumidos.

Na subseção seguinte (subseção “b”, “Impossibilidade de reposição do capital constante total da sociedade por meio da troca entre os produtores de artigos de consumo e os produtores dos meios de produção”, pp. 25-38), Marx considerou trocas entre produtores de bens de consumo e produtores de meios de produção. Usando outro argumento longo e detalhado, ele demonstrou que, enquanto a renda dos produtores dos meios de produção (salário mais lucro) pode ser suficiente para comprar todos os artigos de consumo, não resta nenhuma renda para a compra de seus próprios produtos, os meios de produção. Com base na visão de Smith, seria impossível para ambos os grupos de capitalistas recuperarem seu capital constante e, portanto, recomprarem seus meios de produção. Assim, Marx chega à mesma conclusão da carta de 1863: de que a visão de Smith tem de estar errada. O preço total do produto social total consiste não apenas em renda, mas também num segundo componente “capital”, que é igual aos preços dos meios de produção consumidos e que permite aos capitalistas recuperarem o capital constante consumido e recomprarem esses meios de produção consumidos.

Nessa seção, Marx não apresentou sua própria análise da reprodução do capital social total e uma solução completa para os problemas que emergem da falsa asserção de Smith. Evidentemente, ainda não estava suficientemente claro o entendimento mesmo de Marx, para apresentar sua própria análise, especialmente numa forma concisa. No entanto, ele observou de fato, no final desta seção, que “nós deveremos retornar a essa questão a propósito da circulação do capital” (*Teorias do mais-valor*, v. I, p. 147), a indicar, assim, a relação entre a crítica do dogma de Smith e sua análise da circulação e reprodução do capital no Livro II de *O capital*.

3.2 – Quesnay

Alguns meses depois, Marx discutiu o *Tableau économique* de Quesnay pela primeira vez em seus escritos publicados (*Teorias do mais-valor*, v. I, Cap. VI). (Marx não mencionou o *Tableau économique* em sua primeira discussão dos fisiocratas no manuscrito – *Teorias do mais-valor*, Cap. II –, anterior a sua discussão de Smith.) A discussão do *Tableau économique* de Quesnay foi escrita em separado no caderno e intitulada “Digressão” (*Marx-Engels collected works*, v. XXXI, pp. 590-1). Não está totalmente claro por que Marx retornou a Quesnay depois da discussão sobre Smith. Talvez sua discussão sobre o dogma de Smith o tenha ajudado a compreender que o *Tableau économique* de Quesnay poderia ser usado para demonstrar o erro de Smith e seja esta a razão pela qual retornou ao primeiro⁸. Embora o erro de Smith não seja explicitamente mencionado nessa discussão de Quesnay, os temas abordados estão claramente relacionados ao debate anterior sobre o assunto. Marx revisou em detalhe as várias transações no quadro de Quesnay, a enfatizar a distinção entre capital e renda e a distinção correlata entre consumo produtivo (compra de meios de produção e força de trabalho) e consumo final (compra de meios de subsistência). Outros temas discutidos nesse capítulo incluem a recuperação do capital constante na agricultura, permitindo, assim, aos capitalistas, em ambos os setores, recomprarem os meios de produção consumidos; o “refluxo de dinheiro” aos capitalistas; e a determinação da quantidade de dinheiro pela circulação de mercadorias e capital (em oposição à teoria quantitativa da moeda). Todos esses temas se relacionam às quantidades de dinheiro e não dependem absolutamente de quantidades físicas de insumos e produtos.

Talvez esse estudo posterior de Quesnay tenha ajudado Marx a compreender que o *Tableau économique* poderia ser usado para demonstrar o erro do dogma de Smith. De todo modo, como já vimos, Marx tinha claramente essa conexão em mente, no momento de sua carta a Engels, um ano mais tarde.

4. Livro III, Capítulo II, de O capital

O Livro III de *O capital* foi escrito em 1864 e 1865, antes do Livro II tal qual o conhecemos. O Capítulo II é o único lugar no Livro III em que

⁸ Clarke (1994, p. 269) argumenta: “Essa adaptação do esquema de Quesnay foi desenvolvida a partir da crítica de Marx à negligência de Adam Smith em relação ao capital constante, reduzindo o produto nacional a rendas de salários, renda da terra e lucro, ignorando aquele componente que serve para repor os meios de produção usados durante o ano. Ela foi a base para a discussão da reprodução na terceira seção do Livro II de *O capital*.”

Marx discutiu explicitamente suas tabelas de reprodução⁹. É claro que este capítulo, logicamente, segue a terceira seção do Livro II, a ser discutida a seguir, embora tenha sido escrita antes. Esse capítulo é, uma vez mais, sobre o dogma de Smith e a sua teoria do valor ligada ao “custo de produção”. As questões colocadas são as mesmas das discussões anteriores feitas por Marx. Se o dogma de Smith fosse verdadeiro, como poderia o capital constante consumido na produção ser recuperado e como poderiam os meios de produção ser repostos, de modo que a produção pudesse ser continuada na mesma escala? Marx declara suas razões para “retornar” a essa análise da reprodução e do dogma de Smith como se segue:

Podemos ver que o problema posto aqui já foi resolvido quando lidamos com a reprodução do capital social total, no Livro II, terceira seção. Voltamos a ela aqui, em primeiro lugar, porque, ali, o mais-valor ainda não havia sido desenvolvido em suas formas de renda – lucro (lucro do empresário mais juro) e renda fundiária – e, portanto, ainda não poderia ser tratado nessas formas; em segundo lugar, porque é precisamente em conexão com a forma dos salários, lucro e renda fundiária que um incrível equívoco percorreu a análise de toda a economia política desde Adam Smith. (*O capital*, l. III, p. 975)

Esse capítulo fornece evidência adicional de que a análise marxiana da reprodução social do capital estava concernida primariamente com a refutação do dogma de Smith, que diz respeito aos componentes do preço das mercadorias e que não depende, de modo algum, da especificação da relação quantitativa entre quantidades físicas de insumos e produtos.

5 – Livro II, terceira seção, de O capital

Chegamos finalmente à mais conhecida e mais extensa discussão das tabelas de reprodução de Marx, na terceira seção do Livro II de *O capital*, que será abordada com algum detalhe, capítulo por capítulo, seção por seção.

5.1 – Capítulo XVIII (“Introdução”)

O Capítulo XVIII é um breve capítulo introdutório, que consiste em duas seções. Na seção I (“O objeto a ser investigado”), a reprodução e circulação do capital social total é definida, essencialmente, do mesmo modo como discutido acima, isto é, como a *contínua repetição das três fases da circulação do capital*: 1) a compra dos meios de produção e da

⁹ Deve-se observar que Marx não usou suas tabelas de reprodução para analisar a determinação dos preços de produção, na seção segunda do Livro III, tal qual na interpretação neorricardiana, iniciada por Bortkiewicz, para cujo trabalho Sweezy (1968) chamou a atenção.

força de trabalho com capital-dinheiro, na esfera da circulação; 2) o processo de produção; e 3) a venda do produto (reconversão em dinheiro), uma vez mais na esfera da circulação. O dogma de Smith não é mencionado especificamente nessa breve introdução. Entretanto, a significância do referido dogma para a discussão que Marx faz sobre a reprodução do capital social total é enfatizada nos dois capítulos seguintes.

Marx observou que a Seção II do Capítulo XVIII (“O papel do capital-dinheiro”) não pertence realmente à introdução. Os dois principais pontos discutidos brevemente são: que a circulação do capital começa com dinheiro; e que o montante de dinheiro que deve ser adiantado para manter uma dada escala de produção depende da duração da rotação do capital (ponto discutido na segunda seção do Livro II). Para nossos propósitos, o ponto principal é que essa seção fornece evidência adicional de que as tabelas de reprodução de Marx falam em termos de fluxos de capital-dinheiro.

5.2 – Capítulo XIX (“Exposições anteriores do tema”)

Este capítulo é quase inteiramente voltado à discussão do dogma de Smith (exceto por uma muito breve discussão do *Tableau économique* de Quesnay) e, assim, fornece importantes evidências de que um dos principais objetivos das tabelas de reprodução de Marx era refutar o mencionado dogma. Os principais pontos enfatizados nesse capítulo são os mesmos das discussões anteriores do dogma de Smith, que examinamos acima: a recuperação do capital constante e a distinção entre capital e renda. Marx resumiu sua crítica como se segue: “A estreiteza da concepção de Smith reside em incapacidade de ver aquilo que Quesnay já vira, a saber, *o reaparecimento do valor do capital constante numa forma renovada.*” (*O capital*, l. II, p. 438, grifo nosso)

Esse capítulo também discute dois pontos adicionais: que o capital variável não se torna renda para trabalhadores (a ser discutido abaixo) e que, embora preço possa ser parcialmente resolvido em renda, não é *determinado pela* renda de modo algum, ao contrário, uma vez mais, da teoria do valor de Smith, baseada no custo de produção.

A subseção final desse capítulo é uma reconsideração de “autores posteriores” (Ricardo, Say e Ramsay) e o principal ponto é que todos esses economistas clássicos posteriores aceitaram o dogma de Smith. Sobre Ricardo, Marx comentou que ele “reproduziu Adam Smith quase *verbatim*” (*O capital*, l. II, p. 465). E concluiu essa discussão das “exposições anteriores do tema” com a seguinte súmula: “O resultado é que a confusão de Smith persiste ainda hoje, e seu dogma forma um artigo de fé ortodoxa na economia política.” (*O capital*, l. II) Certamente, este

capítulo fornece forte evidência de que o principal propósito das tabelas de reprodução de Marx era refutar, de uma vez, o dogma de Smith, este “artigo de fé” na economia clássica.

5.3 – Capítulo XX (“Reprodução simples”)

O Capítulo XX começa com outra breve seção introdutória, intitulada “Formulação do problema”. Nessa seção, existe a afirmação sucinta do problema a ser investigado: “A forma imediata em que o problema se apresenta é a seguinte. Como o *capital constante consumido na produção é repostado em seu valor a partir do produto anual* e como o movimento dessa reposição está entrelaçado com o consumo do mais-valor pelos capitalistas e dos salários pelos trabalhadores?” (*O capital*, l. II, p. 469, grifos nossos) Esta questão era o foco das discussões prévias de Marx sobre o dogma de Smith e, claramente, diz respeito aos fluxos de dinheiro, dinheiro que funciona como capital e dinheiro que funciona como renda.

Nessa introdução, Marx também enfatizou que a reprodução do capital-dinheiro social total também envolve a reprodução dos elementos materiais da produção, especialmente os meios de reprodução.

Para nossos propósitos presentes, de fato, o processo de reprodução tem de ser considerado do ponto de vista da reposição dos componentes individuais de M' , *tanto em valor quanto em material*. (*O capital*, l. II, p. 469)

O movimento é não apenas uma reposição de valores, mas uma reposição de materiais, e, por isso, é condicionado não apenas pelas mútuas relações dos componentes de valor do produto social, mas igualmente por seus valores de uso, sua forma material. (*O capital*, l. II, p. 470)

Essa passagem tem sido interpretada com frequência de forma a apoiar a interpretação neorricardiana de que as tabelas de reprodução de Marx são definidas, fundamentalmente, em termos de quantidades físicas de insumos e produtos, similar às matrizes insumo-produto de Leontief ou Sraffa. Entretanto, deve ficar claro, de tudo que foi discutido acima, e que será discutido a seguir, que o objetivo primeiro da apreciação que Marx faz da reprodução do capital social era refutar o dogma de Smith, analisando a reprodução dos vários componentes do *capital-dinheiro*. O argumento central da refutação marxiana é que, se o dogma de Smith fosse verdadeiro e o preço total do produto-mercadoria total se reduzisse inteiro a renda, então o capital constante consumido não poderia ser recuperado, do que se segue que os meios físicos de produção não poderiam ser recomprados e a produção não poderia continuar na mesma escala. Este é o primeiro sentido no qual a análise marxiana da reprodução do capital também diz respeito à reprodução de valores de uso: *a necessidade de reproduzir os meios físicos de produção significa que o dogma de Smith não pode ser*

verdadeiro. Se o preço total se reduzisse inteiramente a renda, então, não haveria dinheiro com o qual se recomprassem os meios de produção consumidos.

Um segundo sentido no qual a análise de Marx diz respeito à reprodução de valores de uso, a ser desenvolvido abaixo, é o da possibilidade de perturbações que resultam do fato de que alguns dos meios físicos das produções (máquinas etc.) não são repostos todo ano, mas apenas depois de um número de anos. Nenhum desses pontos a respeito da reprodução de valores de uso requer a especificação de quantidades físicas de insumos e produtos. A análise marxiana da reprodução do capital não diz respeito às quantidades físicas de insumos e produtos, exceto em relação à reprodução do capital-dinheiro. Com efeito, a análise de Marx demonstra que *a reprodução dos valores de uso no capitalismo é dependente da reprodução do capital-dinheiro*, especialmente no sentido específico de que a reprodução dos meios físicos de produção depende da reprodução do capital constante. A reprodução dos valores de uso, no capitalismo, tem suas próprias e únicas características, que só podem ser analisadas em termos de reprodução do capital-dinheiro. Como Marx expressou sobre este ponto, “Se a produção tem a forma capitalista, então a reprodução também terá” (*O capital*, l. I, p. 711).

Nessa introdução, Marx também observou que sua análise da reprodução do capital social assume que os preços das mercadorias individuais são proporcionais a seus valores (*O capital*, l. II, p. 469). Entretanto, comentou que, mesmo se os preços divergissem de seus valores, “essa circunstância não poderia exercer qualquer influência no movimento do capital social” (*O capital*, l. II, p. 469). Em outras palavras, mesmo se os preços das mercadorias individuais divergissem de seus valores, seguiriam inalteradas as principais conclusões da sua análise da reprodução do capital social total – de que o dogma de Smith tem de estar errado (isto é, de que o preço do produto do capital social total contém um componente de capital constante em adição à renda) e de que a descontinuidade do investimento em capital fixo é uma possível fonte de perturbações na reprodução do capital (a ser discutido abaixo).

Como vimos, Marx retornou à questão da reprodução do capital social total no Capítulo IL do Livro III de *O capital*, depois que preços de produção foram deduzidos na segunda seção do Livro III. Portanto, se preços individuais divergentes de seus valores não fazem diferença na análise da reprodução, presumivelmente, Marx teria abandonado essa hipótese e examinado essas diferenças neste capítulo. Ao contrário, Marx afirmou no início do capítulo que continuaria a ignorar a distinção entre valores e preços de produção porque esta distinção não tem efeito na

reprodução do capital social total: “Para a análise que se segue, podemos ignorar a distinção entre valor e preço de produção, já que essa distinção desaparece sempre que nos ocupamos com o valor do produto total anual do trabalho, i. e., com o valor do produto do capital social total.” (*O capital*, l. III, p. 971) A ênfase de Marx nesse capítulo, como vimos, era, uma vez mais, na crítica ao dogma de Smith. Esta crítica não depende de modo algum da questão se os preços das mercadorias são ou não proporcionais a seus valores.

A *Seção 2* (“Os dois departamentos da produção social”) apresenta em detalhe a estrutura básica de suas tabelas de reprodução e a divisão do produto total da sociedade em dois departamentos (meios de produção e meios de consumo). As principais magnitudes nas tabelas de reprodução são partes componentes do capital investido e recuperado nos dois departamentos (capital constante, capital variável e mais-valor). É afirmado claramente que esses componentes do capital são definidos em termos de dinheiro: “As cifras podem estar em milhões de marcos, francos ou libras esterlinas.” (*O capital*, l. II, p. 473) Assim como nas discussões anteriores, a principal questão analisada por Marx nessas tabelas de reprodução é como os diferentes componentes do capital-dinheiro investido são eventualmente recuperados como resultado das várias transações entre os departamentos e dentro deles, de modo que a produção capitalista possa continuar no ano seguinte na mesma escala. Novamente, as quantidades precisas de insumos e produtos físicos não desempenha nenhuma função essencial na análise da reprodução dos vários componentes do capital-dinheiro.

A *Seção 3* (“Troca entre os dois departamentos”) analisa os principais atos de troca entre os dois departamentos: 1) a venda de meios de consumo por capitalistas no departamento II para trabalhadores e capitalistas no departamento I (uma troca entre capital e renda); e 2) a venda de meios de produção por capitalistas no departamento I para capitalistas no departamento II (uma troca entre capital e capital). Por meio dessas trocas (1) o dinheiro adiantado como capital constante no departamento II é recuperado, permitindo assim aos capitalistas neste departamento recomprarem meios de produção; e (2) o dinheiro adiantado como capital variável no departamento I é recuperado, possibilitando assim aos capitalistas neste departamento que recomprem força de trabalho. Marx também enfatizou novamente o “refluxo de dinheiro”, que é o resultado geral como o dinheiro que capitalistas lançam em circulação, seja por meio de investimento em capital ou gasto de mais-valor como renda, eventualmente retorna aos respectivos capitalistas, por meio da venda de seus produtos:

A conclusão geral que se segue, naquilo que concerne ao dinheiro que os capitalistas industriais põem em circulação para

mediar sua própria circulação de mercadoria, é que (...) o mesmo montante de valor reflui aos respectivos capitalistas, na medida em que eles o adiantaram para a circulação monetária. (*O capital*, l. II, p. 477)

A *Seção 4* (“Troca no departamento II”) começa com a seguinte afirmação, que diz respeito do dogma de Smith:

Do valor do produto-mercadoria no departamento II, ainda temos de investigar os componentes $v + m$. Isso não se relaciona com a questão mais importante com a qual lidamos aqui: a extensão em que a decomposição do valor de cada mercadoria de um capitalista individual em $c + v + s$ também vale para o valor do produto total anual, mesmo se mediada por uma forma diferente de aparência. Essa questão é resolvida pela troca de $I(v + s)$ contra $II(c)$, por um lado, e, por outro, pela reprodução de $I(c)$ no produto-mercadoria anual do departamento I, algo que será deixado para investigação posterior. (*O capital*, l. II, p. 478, grifos nossos)

A “questão mais importante” a que Marx se referiu nessa passagem – se o preço total do produto social se decompõe em $c + v + m$ ou apenas em $v + s$ – é, evidentemente, a questão fundamental com respeito ao dogma de Smith. Embora essa seção não aborde esta questão fundamental (porque não se ocupa do componente constante do preço das mercadorias), ela explica como o *dinheiro* adiantado como capital variável pelos capitalistas no departamento II retorna aos respectivos capitalistas neste departamento pela venda dos meios de consumo aos trabalhadores no departamento II.

A *Seção 5* (“A mediação da troca pela circulação monetária”) enfatiza que todo o dinheiro usado para comprar tanto os principais componentes do produto social total – os meios de produção e os meios de consumo – vem do dinheiro que os próprios capitalistas lançaram em circulação. Esse fato, de que todo o dinheiro em circulação advém originalmente dos capitalistas, é verdade mesmo no sentido de que o dinheiro que realiza o mais-valor dos capitalistas no departamento I foi lançado em circulação por estes mesmos capitalistas (por meio da compra de meios de consumo a partir dos capitalistas no departamento II).

A *Seção 6* (“Capital constante no departamento I”) apresenta a peça final na explanação de Marx sobre como os vários componentes do capital nos dois departamentos são recuperados. O capital constante adiantado no departamento I é recuperado por meio da venda dos meios de produção aos outros capitalistas no mesmo departamento. Essa compra de meios de produção pelos capitalistas no departamento I lhes permite repor em espécie os meios de produção consumidos na produção daquele ano e continuar a produção na mesma escala.

A *Seção 7* (“Capital variável e mais-valor nos dois departamentos”) explica uma razão por que Smith foi levado a pensar que o preço do produto social total se reduz inteiramente a renda. A *Seção 3* explicara como as trocas entre os dois departamentos – a venda de meios de consumo pelos capitalistas no departamento II aos trabalhadores e capitalistas no departamento I e a venda dos meios de produção pelos capitalistas no departamento I aos capitalistas no departamento II – leva ao resultado de que o capital constante no departamento II é igual ao capital variável e mais-valor no departamento I (isto é, igual à renda no departamento I). Nesse sentido, o preço dos meios de consumo realmente “se reduz inteiramente a renda”.

Marx mostrou, entretanto, por meio de suas tabelas de reprodução e da distinção entre departamento I e departamento II, que esse resultado só se aplica a este último, isto é, ele só se aplica ao preço dos meios de consumo. Ele não se aplica ao preço dos meios de produção e, por isso, não ao preço do produto-mercadoria total. Smith discutira que o preço dos meios de produção também poderia se reduzir a renda de maneira similar aos meios de consumo, mas ele estava errado. Toda a renda da sociedade é gasta na compra de meios de consumo produzidos no departamento II. Se o preço total das mercadorias consistisse inteiramente de renda, não haveria dinheiro disponível para comprar os meios de produção e capitalistas em ambos os departamentos não seriam capazes de recomprar os meios de produção consumidos.

Além disso, Marx avaliou que mesmo essa resolução do preço dos meios de consumo em renda não se aplica no sentido de que o valor total produzido no departamento II foi *produzido* pelo trabalho desse ano neste departamento. Ao contrário, parte do preço dos meios de consumo é devido ao valor produzido pelo trabalho de anos anteriores no departamento I, que existia previamente no preço dos meios de produção. E o preço dos meios de consumo é igual à renda total da sociedade somente porque essa renda total inclui a renda do departamento I e, portanto, inclui o valor produzido pelo trabalho desse ano neste departamento.

A *Seção 8* (“Capital constante nos dois departamentos”) apresenta argumento similar, relacionado ao último ponto da *Seção 7*: de que a confusão em torno de reprodução do capital constante se origina do fato de que o trabalho corrente nos dois departamentos produz novo valor, que é igual ao preço dos meios de consumo e que proporciona renda nos dois departamentos, com a qual os meios de consumo são comprados. Esse fato faz parecer que não haveria trabalho disponível para reproduzir os meios de produção, ou que os meios de produção, de algum modo, reapareceriam sem que qualquer trabalho tivesse sido despendido pela sociedade para

produzi-los. Entretanto, Marx explicara essa aparência contraditória por meio da existência do valor dos meios de produção consumidos antes do ano corrente e pela distinção entre trabalho abstrato e concreto. O trabalho do ano corrente tanto produz novo valor, em virtude de seu caráter de trabalho abstrato, quanto permite que o valor antigo dos meios de produção seja transferido ao produto final, em virtude de seu caráter de trabalho concreto, que utiliza os meios de produção para produzir um produto final.

A *Seção 9* (“Um exame retrospectivo de Adam Smith, Storch e Ramsay”) é uma breve versão preliminar daquilo que seria depois expandido e se tornaria o Capítulo XIX, que já foi discutido acima (essa seção, e a maior parte do Capítulo XX, foi escrita em 1870 e o Capítulo XIX foi escrito em 1878). Essa seção começa com a seguinte afirmação, clara e sucinta, sobre o dogma de Smith:

Adam Smith propôs esse dogma extravagante, em que ainda hoje se acredita, na forma já discutida, segundo o qual o inteiro valor do produto social se decompõe em renda... Até hoje em dia, isso continua a ser uma das mais bem-amadas platitudes, ou antes, verdades eternas da assim chamada ciência da economia política. (*O capital*, l. II, p. 510)

A *Seção 10* (“Capital e renda: capital variável e salários”) argumenta contra a visão, relacionada ao dogma de Smith, de que o capital variável que funciona como capital nas mãos dos capitalistas recebe renda das mãos dos trabalhadores após a compra da força de trabalho. Ao contrário, Marx argumentou que a compra da força de trabalho converte o capital variável dos capitalistas da forma de dinheiro à de força de trabalho. Entretanto, já que o capital variável permanece nas mãos do capitalista, embora numa forma diferente, ele não pode receber renda para os trabalhadores. Em lugar disso, do ponto de vista dos trabalhadores, aquilo que se converte em renda por meio da força de trabalho é o valor desta, não o capital variável dos capitalistas¹⁰.

A *Seção 11* (“Reposição do capital fixo”) será discutida abaixo, vinculada ao Capítulo XXI, devido à similaridade dos temas que abordam.

A *Seção 12* (“Reprodução do material monetário”) assume que o dinheiro é ouro e analisa a produção deste como um setor do departamento I. O principal ponto desta seção é a crítica das visões de Smith e Tooke a respeito das quantidades de dinheiro necessárias para a circulação, o que se relaciona ao dogma de Smith. Marx resume essa crítica como se segue:

Vimos que, para Adam Smith, o valor inteiro do produto social se decompõe em renda, em $v + s$ e que o valor do capital foi considerado como zero. Segue-se necessariamente disso que o

¹⁰ Este ponto também é discutido no Capítulo XIX, pp. 454-8.

dinheiro requerido para a circulação da renda anual seria também suficiente para circulação do produto anual inteiro... Essa era, de fato, a opinião de Smith e foi repetida por Thomas Tooke. Essa falsa concepção da proporção entre a quantidade de dinheiro requerida para realizar a renda e a quantidade de dinheiro que circula o produto social total é um resultado necessário da maneira ignorante e irrefletida pela qual eles veem a reprodução e a reposição anual dos diversos elementos materiais e de valor do produto anual total. Portanto, já foi refutada. (*O capital*, l. II, p. 551)

Finalmente, a *Seção 13* (“A teoria da reprodução de Destutt de Tracy”) serve para Marx como um exemplo da “incompreensão confusa e ao mesmo tempo presunçosa revelada pelos economistas políticos ao lidar com a reprodução social” (*O capital*, l. II, p. 556). A principal questão discutida é a tentativa de De Tracy de explicar mais-valor por meio de capitalistas vendendo suas mercadorias – para outros capitalistas, trabalhadores e proprietários de terra – por um preço que excede seu valor¹¹. Em cada um desses casos, Marx mostrou a contradição lógica que resulta dessa explicação do mais-valor.

5.4 – Seção 11 do Capítulo XX (“Reposição do capital fixo”) e Capítulo XXI (“Acumulação e reprodução ampliada”)

A *Seção 11* do Capítulo XX e o Capítulo XXI foram escritos mais tarde (1878), em um dos últimos manuscritos para o Livro II (VIII) e introduzem um importante e novo tema na análise marxiana da reprodução, que Marx parece ter descoberto enquanto trabalhava em suas tabelas de reprodução: os efeitos da descontinuidade do investimento em capital fixo na reprodução do capital¹². No caso da reprodução simples (*Seção 11* do Capítulo XX), essa descontinuidade de investimento resulta do fato de que prédios e maquinaria, ou outras formas de capital fixo, não são repostos todo ano, mas apenas depois de um número de anos. Esse reinvestimento descontínuo significa que parte do capital constante recuperado por alguns capitalistas não é imediatamente usada para repor prédios, maquinaria etc., mas permanecem, ao contrário, na forma de *tesouro monetário*. Essa formação de tesouros parece implicar que, num dado ano, alguns capitalistas no departamento I não serão capazes de vender todo o seu produto. Essa dificuldade aparente é superada

¹¹ Marx comentou: “Aqui se tem cretinismo burguês em seu estado acabado de êxtase.” (*O capital*, l. II, p. 584)

¹² Marx chamou isso de um “grande problema” e comentou que “esse problema (...) não foi abordado em absoluto pelos economistas políticos até aqui” (*O capital*, l. II, p. 530). Ver Clarke (1994, pp. 268-73) para uma boa discussão da análise de Marx sobre os problemas colocados pela descontinuidade de investimento em capital fixo para a reprodução estável do capital.

parcialmente pelo fato de que, em qualquer ano, outros capitalistas possuem uma soma adicional de capital-dinheiro, que fora acumulada em anos anteriores dos encargos anuais de depreciação, o que eventualmente permite a estes capitalistas recomprarem sua maquinaria etc. quando está exaurida. Essa soma adicional de dinheiro é uma fonte adicional de demanda para a maquinaria etc. produzida no departamento I.

Para que a demanda por maquinaria etc. seja igual a sua demanda, entretanto, e, assim, para que a reprodução simples continue de modo estável, Marx enfatizou que as duas condições seguintes devem valer: (1 que o preço da maquinaria etc. que deve ser reposta por alguns capitalistas seja igual aos encargos anuais de depreciação dos demais capitalistas e (2 que esses montantes tenham de permanecer constantes a cada ano. Ele argumentou que, devido à natureza anárquica da produção capitalista, é extremamente improvável que tal equilíbrio pudesse ser atingido e mantido. Assim, ele conclui:

Esse exemplo do capital fixo – no contexto da reprodução numa escala constante – é impressionante. Uma produção desproporcional de capital fixo e circulante é um fator muito favorecido por economistas em sua explicação de crises. *É algo novo para eles que uma desproporção dessa natureza possa e deva emergir da mera manutenção de capital fixo.* (*O capital*, l. II, p. 545, grifos nossos)

Igualmente, o principal objetivo do Capítulo XXI é explorar mais esse tema da possibilidade de perturbações na reprodução do capital, no contexto da reprodução ampliada¹³. Assim como na discussão anterior, a principal fonte de perturbações é a descontinuidade de investimento em capital fixo – o fato de que um certo montante mínimo de capital-dinheiro é requerido antes que prédios e maquinarias adicionais possam ser comprados, de modo que dinheiro potencial tenha de ser entesourado durante múltiplos períodos de produção. No caso da reprodução ampliada (comparada à reprodução simples), a diferença é que o capital-dinheiro que tem de ser entesourado, para comprar máquinas depois, é parte do componente de mais-valor do preço das mercadorias, em lugar do componente do capital constante.

¹³ No início do século XX, esse debate sobre os esquemas de reprodução, entre Tugan-Baranowski, Hilferding, Luxemburgo, Lênin etc., concentrou-se quase inteiramente na reprodução ampliada. A reprodução simples, a maior parte do escrito marxiano a respeito de reprodução, quase nunca foi mencionada. Nenhum dos participantes do debate mencionou o dogma de Smith. Nem discutiram a descontinuidade do investimento em capital fixo como fonte de perturbações na reprodução. O principal ponto desse debate era se haveria demanda suficiente para realizar o mais-valor produzido, em caso de reprodução ampliada. Portanto, os participantes desse debate usaram as tabelas de reprodução de Marx para propósitos bem diferentes daqueles do próprio Marx. Entretanto, ao menos interpretaram as tabelas de reprodução de Marx em termos de quantidades de capital-dinheiro, não em termos de quantidades físicas de insumos e produtos.

O fato de que algum mais-valor seja entesourado em antecipação ao futuro investimento em capital fixo significa que, a menos que haja alguma fonte de compensação, haveria um déficit da demanda para comprar todas as mercadorias produzidas. Entretanto, uma vez mais, existe uma fonte de compensação da demanda: outros capitalistas que entesouraram mais-valor em períodos anteriores e que agora “desentesouram” seu potencial capital-dinheiro e o utilizam para comprar máquinas adicionais etc. Assim, a condição necessária para a reprodução ampliada estável é que o montante de potencial capital-dinheiro entesourado por alguns capitalistas tenha de ser igual ao montante de capital-dinheiro desentesourado por outros capitalistas, para comprar máquinas etc. Marx enfatizou, novamente, que é extremamente improvável que tal equilíbrio possa ser alcançado, devido à anarquia do capitalismo. Assim, a condição de reprodução ampliada estável se torna a condição para perturbações na reprodução. A necessidade de entesourar mais-valor como potencial capital-dinheiro é outra fonte inerente de instabilidade nas economias capitalistas.

Marx também comentou várias vezes nesse capítulo (*O capital*, l. II, pp. 569; 574; 594) que o sistema de crédito se desenvolveu como um meio de concentrar os múltiplos tesouros de potencial capital-dinheiro e para torná-los disponíveis para outros capitalistas usarem como capital-dinheiro ativo, comprarem meios de produção e força de trabalho, permitindo ao capitalismo superar, ao menos em parte, as perturbações originadas da necessidade de tesouro de potencial capital-dinheiro. No entanto, Marx também comentou que o sistema de crédito aumenta o “caráter artificial da reprodução” e, portanto, também aumenta as chances de que “seu curso normal seja perturbado” (*O capital*, l. II, p. 376).

Na Seção 3 desse capítulo, Marx identificou outra possível fonte de perturbação da reprodução – taxas variáveis de acumulação¹⁴. Por exemplo, um aumento na taxa de acumulação significa que uma menor proporção de mais-valor é usada para comprar meios de consumo e uma maior proporção é usada para comprar meios de produção. Essa mudança nas proporções de mais-valor que são acumuladas e consumidas significa que, se a reprodução deve continuar estável, meios de produção e meios de consumo devem ser produzidos em maior e menor proporções, respectivamente. Novamente, a anarquia do capitalismo torna improvável que tal mudança nas proporções entre meios de produção e meios de consumo venha a ocorrer de modo estável e sem perturbações.

¹⁴ Marx discutiu esse ponto, primeiramente, em termos de transição da reprodução simples para a expandida, mas o ponto se aplica, de modo mais geral, a qualquer mudança nas proporções de mais-valor que é acumulado e consumido.

Assim, está claro, na análise marxiana da reprodução ampliada, como na análise da reprodução simples, que as tabelas de reprodução são definidas em termos de quantidades de dinheiro, não de quantidades físicas de insumos e produtos. Todas as questões abordadas na análise da reprodução ampliada dizem respeito a *capital-dinheiro* e aos efeitos desse traço característico do capitalismo, especialmente sobre a tendência do capitalismo a crises periódicas. A análise de Marx das conclusões nesse capítulo – os efeitos da necessidade de entesouramento de capital-dinheiro potencial e de taxas variáveis de acumulação sobre a continuidade da reprodução e o desenvolvimento do sistema de crédito para ativar tesouros de potencial capital-dinheiro – não dependem em absoluto da especificação de quantidades físicas de insumos e produtos (ou seja, de coeficientes de insumo-produto). Essas quantidades físicas nunca foram especificadas ou assumidas por Marx porque elas não são necessárias para as questões em análise. Ao contrário, o foco está inteiramente nas quantidades de capital-dinheiro.

O fato de que a produção de mercadorias é a forma geral da produção capitalista já implica que o *dinheiro* desempenha um papel, não apenas como meio de circulação, mas também como *capital-dinheiro*, na esfera da circulação, e *origina certas condições para a troca normal que são peculiares a esse modo de produção, seja reprodução simples ou ampliada, o que se converte num número igual de condições para um curso anormal, possibilidades de crises, já que, na base, o padrão espontâneo dessa produção, esse equilíbrio é, em si mesmo, um acidente.* (*O capital*, l. II, pp. 570-1, grifos nossos)

Conclusão

Este artigo argumentou que as quantidades nas tabelas de reprodução de Marx, na Seção 3 do Livro II de *O capital* e esboços relacionados, não são delineadas em termos de quantidades físicas de insumos e produtos e não dependem de qualquer maneira da especificação destas quantidades físicas. Ao contrário, as tabelas de reprodução consistem em quantidades de dinheiro que circula como capital e como renda, e que diz respeito, primeiramente, à reprodução dos vários componentes do capital-dinheiro investido nos dois departamentos. O principal propósito das tabelas de reprodução de Marx era refutar o dogma de Smith, a visão errônea de que o preço do produto social total se reduz inteiramente a renda. Este dogma e sua refutação por Marx não dependem em absoluto de quantidades físicas de insumos e produtos. Em lugar disso, o dogma de Smith diz respeito aos componentes em que o preço total do produto social pode ser decomposto. Já que o preço total é definido em unidades monetárias, seus componentes também são definidos da mesma

forma. A refutação marxiana do dogma de Smith diz respeito à distinção entre dinheiro com funções de capital e dinheiro que funciona como renda. Como capital é definido em termos de dinheiro, os componentes do capital (capital constante, capital variável) e o mais-valor também são definidos em termos de dinheiro.

Um dos principais pilares da interpretação neorricardiana da teoria marxiana se revela, portanto, errôneo. As tabelas de reprodução de Marx não são matrizes de insumo-produto físicas. Essas tabelas de reprodução não fornecem qualquer evidência para a interpretação neorricardiana de que Marx começou sua teoria com dadas quantidades físicas de insumos e produtos e que derivou valores e preços dessas quantidades. Ao contrário, essas tabelas de reprodução apoiam a interpretação alternativa, que já foi apresentada em outra ocasião (MOSELEY, 1993), de que a estrutura básica da teoria marxiana é a *circulação do capital* e que esta circulação é definida em termos de quantidade de *dinheiro* que é investido e recuperado por meio da produção e da venda de mercadorias. As quantidades de dinheiro que iniciam a circulação do capital, com a compra de meios de produção e força de trabalho, são os dados fundamentais (o ponto de partida) da teoria de Marx, não as quantidades físicas de insumos e produtos. As implicações plenas desta interpretação são abrangentes. Discutimos alhures (MOSELEY, 1993; 1997) as implicações dessa interpretação alternativa para a teoria marxiana de iguais taxas de lucro e preços de produção (isto é, para o “problema da transformação”).

O ônus da prova pareceria estar com os neorricardianos, a quem cabe fornecer outros argumentos e outras evidências de que a teoria de Marx se baseia em tabelas de insumo-produto físicos, isto é, o mesmo que na teoria de Sraffa. As tabelas de reprodução de Marx fornecem evidências exatamente do contrário.

Referências bibliográficas

- CLARKE, S. *Marx's theory of crisis*. Londres: Macmillan, 1994.
FOLEY, D. *Undersanting "Capital"*. Cambridge: Harvard, 1986.
GEHRKE, C.; KURZ, H. Karl Marx and the physiocrats. *European Journal of History of Economic Thought*, Abingdon, Taylor & Francis, n. 1, pp. 53-90, 1995.
HEINRICH, M. “Capital in general” and the structure of Marx's *Capital*. *Capital & Class*, Thousand Oaks, n. 38, pp. 63-79, 1989.
HOWARD, M. C.; KING, J. E. *The political economy of Marx*. Nova York: New York University, 1985.
KORSCH, K. *Karl Marx*. Nova York: Russell, 1963.

- LANGE, O. *Theory of reproduction and accumulation*. Nova York: Pergamon, 1969.
- MARX, K. *Theories of surplus-value*. Moscou: Progress, 1963.
- _____. *Grundrisse: introduction to the critique of political economy*. Londres: Penguin/Harmondsworth, 1973.
- _____. *O capital* v. I. Nova York: Random House, 1977.
- _____. *O capital* v. II. Nova York: Random House, 1978.
- _____. *O capital* v. III. Nova York: Random House, 1981.
- _____; ENGELS, F. *Collected works* v. XXXI. Nova York: International Publishers, 1989.
- _____; _____. *Selected correspondence*. Moscou: Progress, 1975.
- MOSELEY, F. "Marx's logical method and the 'transformation Problem'". In: MOSELEY, F. (Org.). *Marx's method in 'Capital': a reexamination*. Atlantic Heights: Humanities Press, 1993.
- _____. Capital in general and Marx's logical method: response to Heinrich's critique. *Capital & Class*, Thousand Oaks, n. 56, pp. 5-48, summer 1995.
- _____. "The return to Marx: retreat or advance?". In: FREEMAN, A. (Org.) *The new value controversy and the foundations of economics*. Aldershot: Edward Elgar, 1997.
- MORISHIMA, M. *Marx's economics: a dual theory of value and growth*. Londres: Cambridge University, 1973.
- ROSDOLSKY, R. *The making of Marx's Capital*. Londres: Pluto, 1968.
- RUBIN, I. *Essays on Marx's theory of value*. Detroit: Black and Red, 1972.
- SWEEZY, P. *The theory of capitalist development*. Nova York: Monthly Review Press, 1968.

Como citar:

MOSELEY, Fred. Os esquemas de reprodução de Marx e o dogma de Smith. Trad. Leonardo Gomes de Deus. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 24, n. 1, pp. 89-113, abr./2018.

Data de envio: 22/1/2018

Data de aceite: 27/2/2018